

FL

O

elefante e as flores

15 NOV 1992

GLOBO

JOSÉ SARNEY

Toda síntese é perigosa. Esta lição, por ser antiga, não deixa de ser menos verdadeira. No acompanhamento da eleição para presidente dos Estados Unidos, sagrou-se no Brasil, como verdade, que a vitória dos democratas, sendo protectionistas, seria ruim para o nosso país. E daí, para as especulações sobre exportações e dívida externa, foi apenas um exercício de conclusões lógicas.

Acho que o problema não deve ser visto de maneira tão simplista. As administrações democratas deram sempre mais atenção à América Latina. Lembremos Roosevelt, a Política da Boa Vizinhança, e Kennedy, a Aliança para o Progresso. Reagan e Bush acompanharam à distância, sem emoção, a nossa dramática travessia da redemocratização do continente. A única visão que tinham dos nossos problemas não passava da Nicarágua, Panamá e Cuba. O movimento de integração, a política de concertar decisões, como o Grupo do Rio, Grupo de Contadora e o Consenso de Cartagena, o Grupo de Apoio a Contadora eram vistos como ações que mereciam desconfiança e, muitas vezes, encarados como movimen-

to contra os Estados Unidos.

No que se refere ao Brasil, tivemos um período de uma agenda sempre negativa. Discutíamos só problemas. Tivemos uma política de sanções ou de ameaça de sanções e nunca uma era de cooperação. Disse isto ao presidente Bush e propus-lhe uma agenda positiva, construtiva, ações a realizarmos juntos. Não havia sensibilidade. Como exemplo desta falta de cuidado para com nossas relações, neste período republicano, basta lembrar que, no dia 7 de setembro de 82, foi aplicada ao Brasil uma sanção pela Lei de Comércio. Não respeitaram nem a data, ou o Departamento de Estado tinha esquecido nossa data nacional.

A verdade é que, habilidosamente, não agravamos nem procuramos tornar emotivas nossas relações. Nada de demagogia antiamericanista ao gosto da época, mas relações maduras, corretas, negociações duras. Não cedemos nada, mas deixamos o Governo sem nenhum contencioso político com os EUA. As nossas divergências na área econômica foram administradas. Quando as conversações bilaterais não resolviam, passávamos ao multilateral e chegamos, mesmo, a ir ao Gatt, denunciando discriminações contra o Brasil.

Assim, a era Reagan e Bush para o Brasil e a América do Sul não dá motivos a saudades. Clinton chega

com um terreno propício a um novo tempo de relações. Ficamos à margem da estratégia americana após a guerra fria. Nosso lugar foi a periferia da História. O único país da América Latina que teve um tratamento especial foi o México, assim mesmo por motivos internos dos EUA: a fronteira e os emigrantes (chicanos). O México tem no Hemisfério Norte o corpo, a geografia, mas alma, na América Latina. Ele é uma ponte. Mas, na verdade, sua recuperação não é o início de um processo continental, é uma ação isolada.

Acredito que foi boa para o Brasil a vitória de Clinton. Agora vai depender de nossa agilidade de saber aproveitar as oportunidades e melhor explorar nossa capacidade de negociação. Vamos sair desse conceito maniqueísta de democrata, protectionista, republicano, universalista. Até mesmo a história dos partidos políticos americanos não é tão coerente no terreno das idéias. Lembremos que os democratas eram escrivocatas, os republicanos, liberais. Lincoln foi um presidente republicano. As posições dos partidos, ao longo dos tempos, evoluíram e até mudaram. Clinton, por outro lado, levantou a bandeira dos democratas, com cuidado, hoje, não tão liberal (e esta palavra lá tem um conceito diferente daquele que aqui temos). Fez uma campanha conservadora.

Por outro lado, o Brasil tem de recompor seus erros cometidos na Guerra do Golfo. Entramos mal e saímos pior, chegando ao ridículo de propor um estranho cessar-fogo, depois de várias trapalhadas que teriam desastrosa repercussão.

Nossa tarefa é motivar a administração Clinton, para inserir a América Latina nos objetivos de sua nova política mundial. Não deixar que o processo de democratização do continente, passando por um período de crises econômicas e sociais, seja visto como uma área frágil, vulnerável à imposição de políticas em caixas-pretas.

Nossa posição é a de acompanhar o passo dos novos tempos. Não a modernidade do elefante, esta pobre e indefesa vítima do circo PC, mas uma adesão séria e correta aos ideais que estão construindo as novas relações internacionais.

Nossa parceria com os EUA é histórica. Ela vem de ideais comuns, interesses comuns e mais do que nunca é necessário que seja estreitada, repensada e vitalizada.

Nada de elefante, o biombo para esconder fantasmas. Falemos de flores, como convém a bons amigos. Estes anos todos só falamos de queixas e trombadas.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.